ANO I—N.º 248 PREÇO, 2 CENTAVOS Segunda feira, 3 de Novembro de 1919

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. *Talhoba—Lisboa* • Telefone ?
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Com os olhos nâ epopeia

As plutocracias dirigem nêste momento contra a revolução a tríplice ofensiva geral das armas, da fome e do aleive, antes que se congelem as águas do inverno e se caldeiem pelo mundo os vulcões da solidariedade proletária.

Em vão William Bullitt, enviado discreto dos govêrnos anglo-saxónios, trás da Rússia um relatório que só poderia inquietar aquêles que anelam para a revolução todo o seu amplo desenvolvimento socialista e libertário.

A burguesia mundial não desconta à revolução russa as tendências moderadas, contemporizadoras, burocráticas da fracção predominante de Lénine.

Porque ela vê na grande convulsão social mais o seu poder de irradiação do que o seu valôr intrínseco imediato.

E' preciso destruir o exemplo antes que êle frutifique, apagar o fóco antes que êle se propague, matar o gérme antes que êle desabroche na florescência da vida plêna.

E' preciso armar a contra-revolução no interior, pagar as guerras do exterior, provocar o terror vermelho, para acusar de furôr sanguinário as necessidades da defêsa revolucionária, sem erguer a mesma condenação hipócrita — supremamente hipócrita na boca dos tigres da grande guerra — contra as epilepsias repressivas da reacção.

E' preciso estrangular um povo imenso de homens pacíficos, de crianças e de mulheres, com o garrote scelerado do bloqueio, para acusar de incapacidade a revolução, privada de tôdas as fontes e elementos de reorganização económica.

E como o processo não é suficientemente expedito, como a nova ordem de coisas, melhor do que nenhuma outra, tem sabido resistir a uma situação horrível, urge matá-la de morte violênta, a ferro e fogo, como a comuna húngara, para que se possa dizer depois que morreu de morte natural, por debilidade congénita, vítima dos seus crimes e dos seus vícios.

Um ponto fraco no plano estratégico: a Santa Aliança teve enfim que se desmascarar demasiadamente com êste assalto suprêmo. Para mais, a Alemanha de Noske que tam servil tem sido na execução das ordens da *Entente* contra a revolução russa e alemã, lembrou-se agora, sob a pressão dos comunistas e a ameaça de gréve geral, de recusar colaborar no bloqueio, pregando aos Aliados a inocente partida de lhes publicar a nota, que a *Batalha* qualificou de impudente, mas que em boa verdade era pudicamente secréta. A vingança é a consolação dos débeis.

O escravo, embrutecido e exausto, dorme ainda profundamente. ¿Mas não o despertará o estrondo da peleja e não lhe abrirá os olhos a nitidez da situação?

Do seu lado a minoria revolucionária não se cansa de o sacudir e de o chamar com os seus brados premonitórios: E' a tua causa que se debate! é a tua causa que se decide!

E nessa minoria, consolida-se a união, a união da hora da luta e do perigo.

Na Rússia, também os mencheviques e minimalistas acorrem à frente única contra o inimigo comum, lançando o labéu de traidores contra os vacilantes. E entre os anarquistas, têmos por exemplo, Shatoff, que ocupa na defêsa de Petrogado um pôsto da maior responsabilidade e explica a sua atitude a um jornalista norte-americano.

— Agora que os govêrnos tentam sufocar pelas armas a nossa revolução, ajudo os bolxeviques na defêsa da Rússia proletária. Quando os Aliados decidirem deixar-nos resolver as nossas questões entre nós e estiver acabado o perigo da contra-revolução, eu e os meus camaradas anarquistas lutaremos contra o govêrno bolxevique por uma revolução verdadeiramente socialista, isto é, anarquista.

E aí está porque o bloco revolucionário, que defende a revolução, a vê como o bloco burguês, que a ataca: um fóco difusível, um exemplo vivo, um germe a desabrochar. As questões de método, de tática de organização, são «questões internas». O dualismo — ou o duelo — entre a fôrça popular, criadora, orgânica, renovadora, dos Sovietes e as tendências centralizadoras, burocráticas, ditatoriais dum novo govêrno ou duma nova excrescência política é um problema a resolver entre revolucionários, vencido o inimigo comum ou assegurada a sua derrota.

E' preciso destruir tôdas as peias exteriores, conquistar para a revolução ampla liberdade de acção e de desenvolvimento, largas possibilidades materiais, para que ela possa revelar tôdas as suas virtudes ou traír tôdas as suas insuficiências e defeitos.

E' isso o que a burguesia não quere e é isso o que nós queremos — unânimemente. Baldada tentativa a de... intrigaram com os nómes de Górki, Krapótkine, Tólstoi: êste último pela boca do seu mais íntimo herdeiro intelectual, Paulo Birukof, os outros dois com clamores retumbantes e comoventes, lançaram à face do mundo a condenação do grande crime contra a humanidade nova.

Respondem-lhes, num eco lancinante, as poderosas vozes de Anatole France, Romain Rolland, Henri Barbusse, de tôdos aqueles em quem um grande cérebro serve um grande coração.

Respondemos todos nós; os que sentimos a solenidade trágica da hora, os que admiramos, com a alma incerta e angustiada, a sublime epopeia do Oriente, a epopeia dum grande povo faminto e roto que se bate pela sua liberdade, pela liberdade do mundo, pelas novas possibilidades de vida nova!

Fazemos eco todos os que pretendemos ficar indenes da mancha infame do silêncio ou hostilidade cúmplices, os que não sômos «rábulas, retóricos, confusamente ideólogos, e friamente práticos», como esculpiu em bronze o estilo justiceiro de Romain Rolland.

Neno VASCO.

O "irridentismo" italiano

D'Annunzio quer invadir a Dalmacia com 20.000 voluntários

BELGRADO, 29.—A Agencia de imprensa forneceu a seguinte nota: «Dizem de Zadar que, tendo-se negado Peppino Garibaldi a tomar parte na aventura da Dalmacia, d'Anunzio está resolvido a preparar a invasão nesta região com vinte mil voluntários.

Os jornais italianos de Zadar mostram-se indignados contra alguns políticos italianos que já não sustentam a causa dalmata. A estas manifestações de descontentamento juntam a ameaça de que os habitantes italianos de Zadar auxiliarão d'Annunzio e os seus voluntários a executar, em breve praso, o pronunciamento para a união da Dalmacia à Italia e preparam à opinião pública para esta eventualidade.—*Radio.*

A pilhagem italiana na Yugo-Slavia

BELGRADO, 29.—A Agencia de imprensa comunica: «Dizem de Spalato que os italianos se apoderam nas regiões ocupadas de tudo o que está ao seu alcance. Nestes últimos dias, os italianos apoderaram-se de milhares de cavalos, carneiros, cabras e outras espécies de gado. Este procedimento tende para o emprobecimento do país e provoca numerosos protestos da população.

Sabe-se que todos os dias saiem comboios carregados de gado, de Chibenik e Zadar, com destino á Italia. Os italianos açambarcam tambem enormes quantidades de trigo, milho, tabaco e peles, de que se apoderam nas regiões ocupadas.—*Radio.*

Os prisioneiros de guerra yugo-slavos maltratados pelos italianos

BELGRADO, 2.—A Agencia comunica que os prisioneiros de guerra yugo-slavos foram repatriados da Italia por Chinenik, desembarcando em Spalato. Queixam-se de terem, sido mais mal tratados que os prisioneiros alemães, e os magyares mais bem vestidos e alimentados que eles.—*Radio.*

O pessoal das Fábricas de Conservas vai reclamar

Na sede do Sindicato Único Metalúrgico de Lisbor a que pertencem; reúnem hoje, às 14 horas, os Soldadores e Trabalhadores das Fábricas de Conservas de Lisboa, Almada, Ginjal, Mutela, Trafaria e Seixal, para apreciarem a tabela de aumentos de salário que vai ser entregue aos industriais, tabela que em principio foi sancionada pelo Conselho Técnico e de Melhoramentos, em vista de que os delegados que no dito Conselho representam esta classe, prometeram interessá-la, para que contribua no mais curto espaço de tempo, ser posto em prática o estabelecimento do salário mínimo, abolição das empreitadas e mais condições do parecer aprovado no Congreso de Coimbra, referente à tese apresentada pelos Soldadores de Setubal e ao qual os respectivos delegados que firmaram a tese deram o seu voto.

E' de esperar que todos os soldadores e trabalhadores das fábricas de conservas compareçam a esta reúnião.

A união da Bessarabia à Romenia

PARIS, 1 (T. S. F.).—Um comunicado da imprensa romena sobre as informações que teem aparecido sobre a situação na Bessarabia, diz que mais de dois terços dos membros da Assembleia Nacional votaram a união sem condições, já por duas vezes, à Romenia. As proximas eleições darão à Bessarabia ocasião de, pela terceira vez, exprimir a sua vontade.—*Rádio.*

NOTAS & COMENTARIOS

—Ora veja você. Conheço um pobre diabo, continuo de uma das repartições públicas, reformado, velho e inabilitado que tem a mulher entrevada, uma filha de 17 anos que moureja a casa, e dois filhos, um de 13 e outro de 15, aprendizes ou meios oficiais de quaisquer oficios, que, com as suas férias, embora modestas, contribuem para o, mesmo assim, difícil equilibrio do modestissimo orçamento doméstico. Para conseguirem êsse equilibrio aproveitam, porêm, todos os ganchos e horas extraordinárias de trabalho, na própria oficina. Ora, a lei que entrou agora em vigor proibe-lhes isso. Reduz-los às escorridas 8 horas, pois que teem menos de 18 anos.

—E depois?

—E depois?! Você ainda pergunta «e depois»?!! Pois não é isto uma injustiça?!, não é isto uma desumanidade?!

—Desumanidade o quê? A lei proibir que os menores de 18 anos sejam explorados nas oficinas durante mais de oito horas por dia?

—Pois está visto. Não vai a lei cercear o modestissimo orçamento dessa desgraçada familia, proibindo que os dois rapazes, trabalhando mais horas, ganhem um pouco mais para sustentarem os seus?!

—Chama, então, você a isso uma injustiça e uma desumanidade da lei? Homem, você tem, por certo, obliterado o sentimento de humanidade ou supõe estar arenganda a um tôlo.

—Mas...

—Ouça-me. Não é a lei que é desumana proibindo que menores—isto é, criaturas que ainda não chegaram à maturidade — trabalhem mais de um terço do dia. A lei é, pelo contrário, nesse ponto, humana porque o seu intuito é defender a criança, defender o débil. Desumana e injusta é, sim, a situação dessa familia que para viver,—e ainda assim mesmo com muita dificuldade, como você o diz—necessita de sujeitar os filhos ainda menores à exploração da fábrica e vê-los gastam a mocidade, que é bem curta, trabalhando mais de oito horas—isto é, dez ou doze ou talvez até catorze—, prejudicando a sua constituição física ainda não completamente formada, esgotando prematuramente a sua saúde e matando o gosto de viver. Isto sim, é que é uma desumanidade. Desumana, pois, não é a lei, que você condena dando-se ares de filantropo, mas sim as condições sociais que criaram a essa familia o dilema iniquo e revoltante de ou viver torturada pela mais cruciante miséria ou minorar levemente essa miséria sujeitando à exploração e à escravidão do salariato os seus filhos menores.

—Mas...

—Qual «mas» nem meio «mas». Aborta, meu amigo, para o seu humanitarismo. Com propriedade classificou Lafargue de «jesuitas laicos» os filantropos.

Políticos e Palhaços A propósito da adesão do sr. Ramada Curto ao P. S. P., publicava *A Manhã* de ontem, um desenho que não deixa de ser interessante. Trata-se de um circulo, em cuja arena se vê o sr. Ramada saltar, tal qual os *clowns* que costumamos admirar naquela casa de espectáculos que fica ali ás portas de Santo Antão, atravez dum arco que lhe estendem, do P. R. P. para o P. S. P. Como espectadores, políticos em evidência, no rôsto dos quais se lê um tácito aplauso ao acto do referido político. A coisa é realmente assim. Na palhacice do sr. Ramada Curto, saltando destramente o arco que o separava dos dois partidos, está definida toda a política. ¿Na realidade, o que são os políticos? Palhaços, arlequins, bufões, criados para gaudio das multidões é, às vezes, para sua desventura. Simplesmente, na caricatura da *Manhã*, estão mal colocados como espectadores, políticos de todos conhecidos. Eles tambem deviam estar na arena, saltando, pulando, fazendo esgares, batendo castanholas, com os rostos cobertos de *alvaiade*, como autênticos *pierrots* que são.

Oração de sapiencia Na sessão solene inaugural da Universidade de Lisboa, o sr. dr. Eduardo Pimenta, professor da faculdade de sciencias, proferiu a oração de sapiência. Entre várias afirmações que bem revelam a sapiência do orador houve algumas que só uma extraordinária inteligência ousaria apregoar:

«A guerra—diz o robusto talento—veiu pôr um dique às ambições desenfreadas de alguns povos». Tiremos o chapeu reverentes; eis uma profunda verdade da qual os assambarcadores não discordam.

«Entre as grandes conquistas advenientes da paz»—torna o sábio ilustre—evidencia-se a abolição dos exércitos permanentes e a liga dos povos». Pensamento acertado êste; não sabemos se o 28 da 4.ª diria o mesmo, mas que já não há quem se bata na Rússia, ou conquiste romanticamente Fiume, é uma verdade incontestável. A liga dos povos!...

«A guerra foi uma impulsionadora da sciência, designadamente da especialidade cirúrgica onde se realizaram maravilhas».

Lamentamos que ela tivesse durado apenas quatro anos. ¿Poderá alguêm conceber a que estado de perfeição chegariam a medicina e a cirurgia se em vez de 15 milhões de cadáveres se tivesse atingido a maravilhosa conta de 30 milhões?

Diz-se que uma salva de palmas coroou a oração.

Oh! a sapiência do dr. Pimenta, como ela é original!

ACUSAMOS!

O autor de LE FEU, de L'ENFER, de CLARTÉ, ex-combatente da grande guerra, faz do prestigio do seu nome o uso que convêm a um homem de coração: aplica-o, como Zola, à defesa ousada duma grande causa

J'accuse!... Com êste brando, em 1898, lutou um homem de bem contra as formidáveis fôrças sociais que se tinham conjurado a desonrar um inocente para o assassinar.

Com êste clamor, erguem-se hoje os homens de bem do fundo da sua consciência contra a reacção internacional, que, por monstruosas razões de interêsse de classe, para salvação dos seus velhos e bárbaros privilégios, procura desonrar e assassinar com a fome e com as armas a grande República russa, culpada de ter actuado o seu sonho de emancipação.

Acusamos os dirigentes da França, da Inglaterra e da América de—para levar impunemente a têrmo, com o sangue e a riqueza dos povos ainda escravizados, êste supremo esfôrço anti-socialista e anti-humano—terem suscitado uma campanha abominável de calúnias contra o bolxevismo, de terem, pelos meios mais vis e arbitrários, impedido a verdade de se difundir, de terem deformado e falsificado a realidade, envenenado a opinião pública, com o fim de coagir as massas populares a investir contra a própria causa, de terem mentido aos povos para os poder trair.

Acusamos o consórcio internacional dos imperialistas, militaristas e traficantes de terem descaradamente, por meio da palavra final dos grandes jornais, apresentado como regime de desordem uma constituição integralmente socialista. A lei orgânica da República dos Sovietes acaba de ser publicada, e hoje quem quiser pode ler. Basêia-se na igualdade perante o trabalho; insere a comunidade dos trabalhadores russos e garante a esta comunidade o poder directo. Proclama o internacionalismo do proletariado. Sejam quais forem as livres preferências de cada um, temos que reconhecer que êstes princípios fundamentais, longe de se opor à razão e à justiça, são aos olhos dos homens mais perspicazes e lúcidos os únicos capazes de pôr um dique definitivo aos dois flagelos que as doutrinas de loucura até hoje teem imposto ao género humano: a exploração das multidões e a guerra.

E é precisamente por isso, precisamente pelo valor de verdade idealista e prática e de irradiação inerente ao bolxevismo, e não já por causa duma ou outra medida ditatorial tomada pelos Comissários do povo—consequência transitória e justificada de qualquer revolução realizadora,—e não por causa daquelas desordens, das quais bem sabem os Aliados que os bolxeviques não teem a responsabilidade, é precisamente por isso que os nossos amos—os nossos inimigos—procuram o martírio e o aniquilamento da Rússia.

Acusamos os Aliados de terem mascarado a verdade no que se refere à atitude dos russos na paz de Brest-Litoosk. Os russos sustentavam uma paz plenamente democrática, sem reserva alguma, proposta esta a que os Aliados recusaram aderir; pois que, aderindo, ter-se-iam visto na necessidade de confessar os seus fins de guerra, que eram anexionistas e inconfessáveis. Não foram, pois, os russos, mas os ditadores da França e da Inglaterra, naquela como noutras circunstâncias, que trafram a causa dos povos e da paz, prolongaram a guerra e dizimaram os exércitos nacionais. E são êles que teem ensanguentado a Revolução russa com a sua feroz oposição interessada e com a hipócrita ajuda continuamente prestada aos contra-revolucionários; foram êles que, organizando sistemáticamente as matanças, a ruína e a fome, levaram a Rússia a um período de catástrofes, de pois denunciadas como resultado do regime soviético!

Acusamos os governos burgueses da *Entente* de não hesitarem em dedicar os últimos recursos e as últimas fôrças dos povos por êles dominados a uma causa abertamente, cinicamente reaccionária, que só pelos desliais pode ser de outro modo qualificada: a causa dos chacinadores, dos bandidos, dos tsaristas que se chamam Koltchak e Dénikine.

Acusamo-los de terem deixado armas, oficiais e soldados inúmeros à Alemanha, de se terem feito cúmplices desta reorganização militar ameaçadora de desforra, para melhor esmagar as reivindicações populares da Rússia, da Alemanha e dos outros países, e de haverem assim mais uma vez sacrificado a segurança do país e a paz futura ao ódio de classe.

Num momento em que está irremediàvelmente comprometida a situação económica do nosso país, em que a divida dos francezes alcança e está prestes a ultrapassar a cúra de todos os seus recursos, em que os gravames da vida e dos impostos estão a ponto de lhes exceder as fôrças, em que nenhuma profecia é apocalíptica bastante para pintar o abismo em que nos despenhamos,—**acusamos** êsses indignos representantes, não de nações, mas de castas, de iniciarem, para salvar a sua infame fórmula social, para sufocar o exemplo demasiado evidente e luminoso, uma guerra e um bloqueio que custam biliões, que impedem o comércio universal, que fazem milhões de vítimas e suscitarão novas guerras. Acusamo-los de levarem a França á ruína, desonrando-a.

Pomos a nossa fé e a nossa esperança na verdade, resolvidos a não assistir ao maior crime da história sem tentar tudo para o desmascarar. Não podemos admitir que uma consciência, uma só que seja, possa permanecer indiferente em face de tanto cinismo e de tanta duplicidade.

Assumiremos todas as nossas responsabilidades cívicas. Clamaremos a verdade. Pelo menos, saiba o povo aonde é conduzido e acabe por compreender que é levado contra si próprio.

Para continuar sendo senhores das coisas e dos homens, os eternos exploradores utilizam contra um povo, que hoje desempenha o papel dos franceses de 1793, a única fôrça capaz de derrotar êstes escravos rebeldes, tornados em justiceiros: a multidão de todos os seus irmãos.

Camaradas, homens, jovens, mulheres, mães dos futuros mártires, ex-combatentes que no coração trazeis a maldição da guerra, trabalhadores manuais e intelectuais, todos unidos neste mundo por um interêsse comum, franceses ainda apegados às nobres tradições francesas de liberdade, que hoje querem sufocar e emporcalhar na Rússia—os soldados de todos os países, as crianças e as mulheres da Rússia morrem aos montões!

Não permaneçais por mais tempo, ante êstes acontecimentos, na ignorância grosseira, na espantosa cegueira do egoismo, na inércia, na vergonha.

Recusai tomar o partido do despotismo e da ferocidade.

Salvai a verdade humana, salvando a verdade russa. Ficai certos de que as gerações futuras hão de julgar os homens de bem da nossa geração na proporção em que êles se levantem hoje para clamar:

Não!

Henri BARBUSSE

Inquilinos, alerta!

Uma inquilina que nos apoia

Sr. Redactor:—Finalmente apareceu alguem na imprensa periódica a entravar a manobraa do aumento das rendas.

O Govêrno precisa de muito dinheiro e quer aumentar a contribuição predial, mas receando a ira dos proprietários começa por lhe dar liberdade para esfolar os inquilinos.

Por esta forma o Govêrno obtem docilmente dos proprietários o aumento do imposto e com essa desculpa os senhorios obteem o triplo dos desgraçados inquilinos.

Seria preferivel que o Govêrno colectasse os inquilinos, por que o sacrifício seria incomparavelmente menor.

Na perspectiva do assalto, é preciso agitar o povo trabalhador e correr à praça pública para tolher o passo aos assaltantes.

Eu sou uma fraca mulher, mas irei onde me chamarem para defender a minha magra bolsa e para dar um exemplo a todos os cobardes que usam calças.—De V., etc., *Maria de Magalhães.*

Um alvitre interessante

Camarada redactor:—No n.º 244 do nosso jornal *A Batalha* vem uma local que tem por titulo: *Inquilinos, alerta!* Pois eu sou a dizer: Alerta e nem mais mais um centavo!

E' revoltante a atitude dêsses *honrados* cidadãos que, protegidos pelos govêrnos e suas leis, não vacilam em nos roubar torpe e descaradamente!

Miseraveis! Não respeitam a enfermidade nem a falta de meios do semelhante!

Quantos desgraçados inquilinos empenham os últimos trapos para satisfazer a cruel ganância dêsses miseràveis! E quando os pobres não podem satisfazer a insaciável ganância dêsses monstros de formas humanas, sem a menor comiseração se deslocam do abrigo para a rua, raquíticas crianças, velhos e enfermos, e a mór parte das vezes estes infelizes não teem os necessários agasalhos.

E os monstros dizem: E' a lei!

Pois seja! foi a lei que os pôs em tam cruel costume é urgente que os inquilinos se unifiquem e lhes façam vêr que os costumes tambem fazem leis, e nem mais um centavo sôbre a renda actual.

E' urgente e inadiável organizar uma forte defeza do inquilinato.

Todos nós, operarios e inquilinos, devemos entregar á U. S. O. L. a nossa defeza, emquanto todos os inquilinos, em cada bairro da cidade, se devem esforçar por levar á prática quanto antes a União do Inquilinato de Lisboa.

Eis os tópicos principais que propomos:

a) Em cada bairro um sindicito;

b) Em cada freguezia ou paroquia uma secção;

c) As secções teem os seus delegados no sindicato do respectivo bairro.

d) Os sindicatos teem os seus delegados junto da União do Inquilinato de Lisboa.

A meu ver, poderemos depois hostilizar a ganância dos senhorios e contrariar a Associação dos Proprietarios.

Aí fica, pois, o meu alvitre a todos que o queiram estudar como inquilinos e, em especial, é claro, os camaradas de trabalho.

Avante, pela União do Inquilinato de Lisboa!—*João Viriato Rosa.*

Inquilina e senhoria

A esta redacção veiu queixar-se a sr.ª D. Carolina de Jesus, moradora na raa da Barroca, 40, 1.º, casa sub-arrendada á sr.ª Beatris da Conceição, de que, não sabendo sob que prêtexto, há já dois mêses que lhe não quer receber a renda. Aquela senhora foi ontem intimada pela polícia administrativa a comparecer no Govêrno Civil «a fim de responder ao que lhe fôr preguntado em serviço público». Depois de perguntada, ficou intimada a despejar a casa até ao dia 7 do corrente.

O progresso afirma-se!

Um protesto

Estiveram nesta oficina Francisco Martins, Alfredo de Almeida e António de Carvalho, residentes no prédio, 1 da rua de S. Lourenço, queixando-se de que tendo a Câmara Municipal publicado uma nota em que declarava que nenhuma casa póde sofrer obras, sem que isso dependa de um entendimento entre o respectivo senhorio e inquilinos, tivesse agora concedido licença e aprovado a respectiva planta para obras no prédio onde habitam.

O que maior indignação produziu nestes três inquilinos é o facto de há dias terem sido informados na Câmara Municipal, de que desde 1917 não se tem aprovado plantas de obras.

Um senhorio desumano

Veio à nossa redacção o sr. Romão Rodrigues Nogueira, a que se referia a notícia que com esta epígrafe publicamos no nosso numero de sabado, e que nos enviou o nosso informador no govêrno civil, dizer-nos ser ela completamente falsa, porquanto o individuo expulso do seu prédio com a familia não era seu inquilino, tendo alugado um quarto ao sr. Amândio de Carvalho, que reside na sua propriedade. O sr. Romão Rodrigues Nogueira declarou-nos que não é um senhorio desumano, não aumentando as rendas desde que o seu prédio foi construido, há cinco anos, nem exigindo caução dos inquilinos, pagando êstes quando podem.

ENTRE CAPITALISTAS

O sr. director da policia de investigação mandou arquivar, por não ter fundamento, a queixa apresentada pelo sr. Augusto Mateus, accionista da Companhia de Seguros "A Glória Portuguesa", contra o sr. F. Alves, ex-director da mesma companhia.

Nós e o sr. Mayer Garção

Mayer Garção foi um dos jornalistas republicanos que melhor soube escrever para o nosso coração de humanistas, sendo raro o dia, nos agitados tempos da agitada propaganda republicana, que não líamos sofregamente as suas inspiradas *Notas á margem* que *O Mundo* então públicava assiduamente. Jovens como eramos, querendo caminhar para o futuro, para coisas novas, para uma sociedade onde a extrema miseria duns se não chocasse com o espaventoso luxo de outros, eramos empolgados pela propaganda republicana, sentindo-nos presos aos seus jornalistas, nomeadamente àqueles que fustigando as desigualdades sociais, mais e melhor sabiam falar-nos ao coração. De entre entre todos os jornalistas republicanos, Mayer era o nosso preferido. Admiravamos a bravura indomavel de França Borges e a lógica esmagadora de Brito Camacho, redutos inespugnáveis contra uma monarquia de incompetentes; mas havia um que, sabendo escrever para a nossa alma, sabendo dirigir-se ao nosso coração, tinha a preferência entre todos: Era Mayer Garção.

* * *

Os anos foram passando e o nosso raciocínio foi-se esclarecendo. Aprendendo alguma coisa da grande lição dos factos, concluimos ao fim de algum tempo, e felizmente com certa lógica, que entre republica burguêsa e entre monarquia liberal há apenas uma diferença de ordem moral: a de, em republica, podermos escolher, por meio do voto, o amo que ha-de zurzir-nos, contrariamente ao que sucede em monarquia, cujo senhor máximo nos é imposto pelo acaso do nascimento. De maneira que um ano antes da implantação da republica, em 1909, compreendiamos nós o absurdo da civilisação burguêsa, abraçando com entusiasmo, pelo braço firme de Jean Grave, o lindo e humano ideal anarquista.

Tendo-se implantado a república um ano depois, sucedeu o que tinha de suceder: ficaram a um lado, no campo cómodo dos conservadores, os que apenas eram revolucionários *politicos*; e a outro, no campo escabroso da rebeldía, os que eram revolucionários sociais. O sr. Mayer, satisfeito com a república, instalou-se, cómodamente, à farta mesa do orçamento republicano. Nós, insatisfeitos com a reaccionária formula burguesa, prosseguimos em demanda de horisontes mais largos.

Em duas palavras: O sr. Mayer parou; nós, pelo contrário, continuamos a pisar o caminho doloroso onde o sacrifício é a paga. Eis a enorme diferença entre uma e outra atitude. Ante um acontecimento sensacional que surgiu há perto de três anos—a revolução russa—sucedeu o que igualmente tinha de suceder: O sr. Mayer, como conservador, atacando-a; nós, como verdadeiros revolucionários, defendendo-a. E' nesta questão da revolução russa onde mais saliente é o divórcio existente entre os revolucionários sociais e entre o jornalista burguês sr. Mayer Garção.

Honestos e sinceros como nos presamos de ser, não nos repugna acreditar em alguns actos violentos da revolução russa, como consequência de irrascibilidades acumuladas. Conhecedores, um pouco, da psicologia das massas revoltadas, acreditamos que as massas tenham sido bárbaras em certos momentos agitados. Tais factos, se conseguem impressionar-nos um pouco desagradàvelmente, não conseguem decidir-nos contra a revolução, cujos princípios são generosos, cujos chefes merecem consideração e respeito. O sr. Mayer fácilmente tem acreditado nas infâmias hàbilmente espalhadas em todo o mundo por mercenários indignos. Como dá pena tal atitude da parte dum homem que conseguiu desiludir-nos!

No lugar mais saliente da *Manhã*, diário que o sr. Mayer Garção orienta, se tem apresentado a revolução russa como um movimento indigno, sem ideal e sem generosidade. Por momentos nos têmos sentido revoltados contra o jornalista que assumiu tam estranha attitude! Tem sido sincéra *A Manhã?* Têmos dúvida em acreditá-lo. *A Manhã*, cuja direção pertence ao sr. Mayer, tem sido um pôsto de ataque contra a revolução russa. Este procedimento, dado que consideramos a revolução bolxevista como o caminho aberto à felicidade humana, têm-nos desagradado profundamente. Entre nós e o antigo jornalista republicano, cuja inteligência sômos os primeiros a reconhecer, existe uma barreira enorme: ao passo que o antigo poéta revoltado e sentimental fás côro com todos os reacionários, gritando a plenos pulmões «Abaixo os bolxevistas!» nós, fieis aos nossos princípios humanos e generosos, gritamos com entusiásmo de crentes: «Viva a Rússia Socialista!».

A revolução francêsa baniu o senhor feudal; a revolução russa pretende banir o capitalista. Há, pois, entre a revolução russa uma diferença enorme. Ao passo que aquela pretendeu estabelecer a igualdade política, esta pretende estabelecer a igualdade económica. Danton era a alma do Povo. A alma de Danton era tambem a alma de Lénine e de Trotski. ¿Como se explica então que o nome glorioso de Danton seja lembrado com saudade e que sôbre o nome dos dois revolucionários russos caiam torrentes de insultos? ¿Como explicar a atitude do sr. Mayer Garção? Tem defeitos a revolução russa? Crêmo-lo piamente. Mas são imensas as suas virtudes e muito nos dóe que propositadamente se escondam.

Gonçalves CORRÊA.

Então, as provas?

A imprensa é uma instituição que deve primar pelo maior culto da Verdade. Nisso está encerrado todo o seu prestígio. Desde que um jornal faz afirmações que mais tarde não pode provar, êle torna-se indigno da menor consideração, tendo a opinião pública o direito de duvidar, dal para o futuro, da veracidade dos seus informes.

E' a situação em que se encontra a *Capital*. Esse jornal fez acusações gravíssimas à organização operária. Falou de documentos comprometedores enviados às associações de classe. Pois agora, que a reptamos a apresentar essas provas, conserva-se silenciosa, nada dizendo, não tendo ao menos coragem para se retratar, confessando o êrro cometido.

No entanto, ainda hoje repetimos:

Que a «Capital» apresente o questionário pela organização operária enviado às associações operárias! Que a «Capital» prove as suas afirmações!

"ERA NOVA"

Reúne hoje a comissão organizadora dêste jornal que é o orgão dos empregados no comércio. Roga-se ao camarada administrador a sua comparência.

NA SUECIA

Branting ataca o bolxevismo

STOCKOLMO, 1 (T. S. F.).—No decurso dum grande comicio operário, em presença dos «leaders» do partido socialista da esquerda e do social democrático, travou-se uma discussão sôbre o assunto: democracia ou ditadura.

O sr. Branting tomou muito energicamente o ataque ao bolxevismo, sendo o seu discurso acolhido com aplausos tentando os socialistas da esquerda fazer obstrucionismo. Acabou por se aprovar uma moção dizendo que a social-democracia é a única capaz de conduzir à realisação dos ideais democraticos.

O "LOCK-OUT" PATRONAL NA CATALUNHA

Em Barcelona publicar-se-hão apenas dois jornais

BARCELONA, 1. — A'manhã devem publicar-se apenas dois jornais: o «Liberal» e o «Diluvio» se esses não aderirem esta noite ao «lock-out» dos patrões. Este parece ser mais extenso do que a principio se supunha, porquanto a União dos pequenos industriais e comerc acaba de aderir tambem a étc.

Os operários continuam com intuitos conciliadores

MADRID, 1. — O secretario da Presidencia do Conselho declarou que os operários de Barcelona se colocaram numa atitude conciliadora, estando dispostos a suspender todas as gréves declaradas, se os patrões suspenderem por seu turno, o «lock-out». As divergencias poderão ser resolvidas mediant negociações.

As 8 horas de trabalho

Regulamento do horário

Comércio

Casas de importação e exportação por via marítima, agências de navegação, confeitarias, pastelarias, leitarias, cervejarias, cafés, estabelecimentos de leilão e cafés, podendo funcionar fóra das horas designadas no regulamento (entre as 8 e 19 horas) não ultrapassando uma hora do dia seguinte e organisando turnos de pessoal, que não poderá trabalhar mais de 8 horas.

Estabelecimentos de venda. — Abrem às 9 horas e encerram às 19. Teem os empregados, por turnos, duas horas seguidas de descanso do trabalho.

Nenhum empregado é obrigado a fazer trabalho extraordinário, sendo aos menores de 18 anos, absolutamente vedado exercício.

Escritórios e casas bancárias.—O trabalho normal é de 6 horas com uma de descanso das 13 às 14. O encerramento dêstes estabelecimentos não deve ir além das 17 horas.

Talhos e Salchicharias.—Abrem às 7 horas e fecham às 16, sendo intercalado um descanso de uma hora.

Padarias.—Iniciam o trabalho de venda às 6 e terminam às 16, sendo intercalado um descanso de 2 horas.

Farmácias.—O serviço normal é de 8 horas; o permanente deve ser organisado de forma que, por turnos de empregados, não seja o trabalho superior a 8 horas diárias, havendo todo o cuidado em não prejudicar o publico nem os empregados.

Indústria

Panificação.—A duração do trabalho normal é de 8 horas. O trabalho poderá ser exercido entre as 20 horas e as 7 do dia imediato, desde que não ultrapassem as 8 horas de trabalho.

Fluvial e Maritimo.—O trabalho normal e serviço extraordinário será respectivamente de 48 e 18 horas por semana, não podendo cada empregado ou operario trabalhar mais de 3 horas seguidas.

Ferroviária.—A duração do trabalho normal é segundo o artigo 1.º do decreto n.º 5.516, que poderá ser dividido em dois periodos, entre os quais deve existir um descanso de 1 a 4 horas consecutivas. Para o pessoal de oficinas de exploração, material, tracção, operarios e agentes do serviço de via e obras, o descanso entre os dois periodos de trabalho será sempre de 1 hora.

Federação dos Empregados no Comércio

Deste organismo recebemos o seguinte comunicado, àcêrca das 8 horas de trabalho, cuja publicação nos pede:

Este organismo previne por este meio todas as direcções dos sindicatos do país, federados e não federados, e ainda todos os colegas em geral, que entrou de facto em vigor no dia 1 dêste mês o regulamento do decreto 5.516, cabendo a todos, na sua esfera de acção, cumprir e fazer cumprir fielmente o determinado nesse regulamento, pois que a Associação dos Vendedores de Víveres a Retalho, julgando-se com poderes superiores deliberou e fez publicar que os estabelecimentos do seu ramo abram às 8 horas e fechem às 20, o que está em completo desacordo com o que preceitua o art. 1.º do referido regulamento, que é claro nesse ponto, não admitindo que os estabelecimentos possam abrir antes das 9 nem encerrar depois das 19, salvo as excepções estabelecidas.

Para exercer essa fiscalisação, qualquer colega sindicado está autorisado a reclamar a intervenção da autoridade, sendo reconhecido a todos os sindicatos o direito de nomearem 10 fiscais, que serão reconhecidos oficiosos depois de lhes ter sido passado o cartão de identidade pela Inspecção do Trabalho.

Esta Federação pede a comparencia do maior numero de colegas na sua sede, às 19 horas, para se constituirem comissões de vigilância.

Manipuladores de Pão

A direcção desta Associação reúne para apreciar o decreto que acaba de entrar em vigor, resolvendo-se efectuar vários trabalhos de importância para a classe.

Corticeiros de Lisboa

A respectiva associação deliberou recomendar a toda a classe que se esteja para que a lei das 8 horas seja integralmente cumprida em todas as fábricas de cortiça.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante

Tambem apreciará hoje, em assembleia geral o novo horário de trabalho.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Industria Mobiliária.—Reúne hoje pelas 21 horas, a comissão administrativa. Pede-se a comparencia dos seus componentes.

Pela Rússia socialista

A boicotagem da contra-revolução

O furioso ataque da burguesia mundial contra a Rússia socialista e o bloqueio anti-revolucionário, cinicamente proclamado na nota da *Entente* aos neutros e à Alemanha, estimulam a acção do proletariado, que procura acudir aos seus irmãos russos.

Assim, a União dos Sindicatos do Sena (Paris) tem últimamente desenvolvido grande actividade nesse sentido, como o prova, entre outras manifestações, a seguinte circular:

«Em harmonia com as decisões tomadas no Congresso de Lião, a comissão geral da União dos Sindicatos do Sena, em sua sessão de 15 de Outubro de 1919, decidiu chamar a atenção das organizações sindicais do departamento do Sena para a acção particular que devem empreender, afim de exercer a obstrução necessária no fabrico e envio dos fornecimentos diversos destinados à Rússia.

«Para êste efeito, deverão os sindicatos investigar, cada um no seu raio de acção corporativa, qual é o seu auxílio material por êles prestado ao aprovisionamento da contra-revolução.

«Caberá, pois, a essas organizações examinarem por que meios poderão elas pôr embaraços ao fabrico ou transporte da munições, material ou géneros de tôda a ordem que são necessários aos exércitos em campanha e que o nosso govêrno, a despeito da vontade popular claramente expressa, teima em remeter aos exércitos de Dénikine e Koltchak.

«Por esta acção prática, efectuada com tôda a energia e vigilância necessárias, os operários sindicalistas franceses mostrarão que compreenderam o enorme interêsse que para êles constitúi o triunfo da sua própria causa, a vitória da Revolução russa. Mostrarão também ao govêrno francês que estão com os trabalhadores revolucionários russos contra o imperialismo dos Aliados. Cumpre hoje aos trabalhadores franceses demonstrarem com uma acção séria e positiva que, depois dos seus avisos e protestos, estão enfim resolvidos a passar aos actos.

«Orgulho dos operários parisienses será mostrarem à Internacional capitalista que se acham compenetrados, antes de qualquer outro sentimento, dum profundo espírito de solidariedade internacional».

PROPAGANDA SINDICALISTA

A organização da U. S. O. de Vendas Novas

Fala o secretário geral da C. G. T. — O Congresso de Washington e as perseguições aos jovens sindicalistas

Como foi anunciado, realizou-se no dia 28 do mês findo, pelas 21 horas, a sessão preparatória da fundação dêste organismo, na sede dos Trabalhadores Rurais desta localidade. Fez-se representar largamente o operariado local, bem como as direcções dos sindicatos aderentes. Usaram da palavra os camaradas José Capote, trabalhador rural; Francisco Costa, corticeiro e Manoel Ferreira, empregado no comércio, que foram unanimes em defender a organização das uniões locais em todas as localidades, enaltecendo o seu valor.

Seguidamente, usou da palavra o camarada Manoel Joaquim de Sousa, secretário geral da C. G. T., que começou por explicar qual o papel que compete desempenhar às uniões locais, seguindo na explicação detalhada do estatuto confederal, de cujo cumprimento depende a preparação das classes trabalhadoras para a sociedade futura, alongando-se ainda em considerações de caracter economico, deixando toda a assistencia bem impressionada.

Antes de se encerrar a sessão, o camarada José Pereira, trabalhador rural, mandou para a mesa a seguinte moção-protesto, que foi aprovada unanimemente:

"Considerando que o Congresso realizado em Coimbra, no qual foi delegado, resolveu que a classe trabalhadora do país não enviasse representantes ao Congresso burguês de Washington; Considerando que tão pouco incumbia o govêrno de enviar a êsse Congresso, um representante seu, em nome da classe operária, visto que só a organização operária o podia fazer: A classe trabalhadora de Vendas Novas, reunida nesta sessão, protesta contra a nomeação do intruso Alfredo Franco como seu representante assim como contra as arbitrariedades de que são vitimas os jovens sindicalistas, sem que haja motivos que justifiquem tais perseguições e contra as perseguições aos trabalhadores do Vale de S. Tiago, promovidas pelas autoridades daquela localidade."

Perseguições governamentais

Comissão Pró-Presos por questões sociais

Reúnia a comissão para apreciar a situação dos presos e suas familias e recebeu uma carta do Vale de S. Tiago, onde se participava que vão ser efectuadas prisões de algumas companheiras de trabalhadores rurais, contra o que protesta veementemente, chamando para o caso a atenção de quem deve intervir em semelhantes abusos.

Teve, também, conhecimento da libertação dos camaradas José Ferreira e Carlos Pedro, pedreiros, que tinham sido presos num carro electrico, no Rossio.

—O camarada José Maria Robalo seguiu para Alcobaça e declara ter recebido de uma *quête* realizada entre camaradas da Nazaré a quantia de 7$20.

—Recebeu esta comissão, do Pessoal Extraordinário dos Tabacos e serventes da *Regie*, a quantia de 7$00, proveniente de uma *quête* efectuada nas fábricas de Xabregas e Lisbonense; do camarada Antonio de Oliveira o auxilio de 1$00; duma *quête* aberta pelo camarada Jaime Martins de Sines, a quantia de 1$81; do pessoal da Tipografia Palhares a quantia de 1$05; Da Associação de Classe dos Fabricantes de Armas a quantia de 28$20, a favor dos presos por questões sociais.

Um membro desta comissão procurou ontem o dr. Sobral de Campos a quem entregou a procuração para a defesa dos camaradas presos na cadeia de Odemira. ¿Quando se efectuarão estes julgamentos?...

Esta comissão teve conhecimento de que foi afiançado o camarada Amilcar Sarmento da Silva, devendo já ter sido posto em liberdade.

Nomeou um delegado à sessão de protesto contra a carestia da vida, que ontem se efectuou na Secção da Construção Civil de Palma e Arredores. Voltas reúnir hoje pelas 21 horas.

Corticeiros de Lisboa

A assemblea geral ontem reúnida deliberou protestar veementemente contra a perseguição sistemática que o govêrno do sr. Sá Cardoso está fazendo às Juventudes Sindicalistas e declarar a sua concordância com os objectivos dessas organisações. Tomou também conhecimento da circular 29-A do Govêrno Civil resolvendo prestar todo o auxilio aos camaradas visados nesse documento.

Por causa da água-pé

Arma-se uma desordem na Zambujeira, ficando um homem morto

Depois de verificado o óbito pelo dr. Medeiros de Almeida, no Banco do Hospital de S. José, onde foi conduzido num auto da Cruz Vermelha, foi removido para a Morgue o cadáver de José Francisco, trabalhador rural, residente no logar de Zambujeira, concelho do Bombarral, que, tendo ali ido com um seu irmão, Duarte Francisco Maria, na ideia de pedirem uma pouca de água-pé a uma adega, onde se encontravam, além do dono da casa, José Luís Russo, os trabalhadores João Frade, Herculano Miguel e Francisco Roto, que se achavam bastante embriagados, êstes se recusaram a abrir-lhes a porta, pelo que êles retorquiram com umas palavras azedas. Isso deu origem a que aqueles saissem da adega para a estrada para se vingarem das ofensas, puxando, então, o Francisco Rato de uma pistola e disparando-a, indo o projectil alvejar o José Francisco no ventre e certamente teria também ferido o irmão que o acompanhava, se êste não tivesse fugido gritando por socorro. Acudiram alguns cabos da terra, que prenderam o Frade e o Russo e os levaram para a cadeia do Bombarral, procurando os outros para também os prender.

Restos do ministério das subsistências

Ao que parece vai ser aberto um crédito especial para a liquidação de créditos de vários fornecedores do extinto ministério dos abastecimentos. Todos os serviços relativos a subsistências que estavam a cargo daquêle ministério, começam amanhã a funcionar no edifício do antigo Mercado Central de Produtos Agricolas.

Dis-se que será feito um inquérito a proposito da fórma como no norte do país tem sido feita a distribuição de géneros de alimentação, especialmente açucar.

O chefe da 2.ª secção da 2.ª repartição da Direção Geral do Comercio Agricola, que trata do açucar, pediu que se mande proceder a uma sindicância aos seus actos.

Festas operárias

A favor da «Bandeira Vermelha»

Na sede da C. G. T., efectuou-se ontem, promovida por uma comissão de propaganda da Federação Maximalista Portuguesa, um festival a favor da *Bandeira Vermelha*, semanário comunista.

Antes de se iniciar o acto o grupo musical dirigido por André Paredes tocou o hino da *Batalha*, que foi cantado por todos os camaradas presentes; em seguida, foi concedida a palavra ao camarada Antônio d'Oliveira que, em eloquentes frases, protestou contra as injustas perseguições de que tem sido vitima a *Bandeira Vermelha*. Depois de fazer a explicação da revolução russa e a defeza da revolução internacional, terminou as suas palavras fazendo votos pela cooperação de todos os trabalhadores organizados de Portugal, em favor dos camaradas russos, que neste momento lutam pela emancipação social.

Depois, vários amadores de canções sociais cantaram lindos fados, com geral agrado e aplauso da numerosa assistência, que enchia a vasta sala. Fez-se em seguida a rifa dum livro, «A Russia Bolxevista», que rendeu a quantia 5$04, saindo o livro ao n.º 131, cujo possuidor o pode procurar na redacção da *Bandeira Vermelha*.

Vários camaradas recitaram lindas poesias, depois do que foi posto em leilão o livro «A emancipação da mulher», pelo qual o camarada Manuel d'Almeida ofereceu 3$00. Esta obra foi oferecida por um dos camaradas expulsos recentemente do Brasil.

Da realização dêste beneficio apurou-se a quantia de 38$90, que reverte em favor da *Bandeira Vermelha*.

No meio de grande entusiasmo dos camaradas presentes, encerrou-se o acto entoando a assemblea delirantemente os hinos da *Batalha* e a *Internacional*.

Foi aberta uma quête em favor dos presos por questões sociais, que rendeu a quantia de 5$01.

Fabricantes de Armas e Oficios Acessórios

Este sindicato festejou ontem, solenemente, o 27.º aniversário da sua fundação. A sede, no Campo de Santa Clara, encontrava-se artisticamente ornamentada, estando as salas repletas não só de arsenalistas, mas ainda de camaradas de outras indústrias, que aos primeiros foram levar a sua fraternal saudação.

A sessão solene abriu às 15,15, ficando a mesa formada pelos camaradas Alberto Monteiro, secretário geral da U. S. O. de Lisboa, presidente; secretariado por Manuel de Almeida Resolvido, um dos deportados do Brasil, e Manuel Ferreira, delegado do Pessoal do Arsenal da Marinha. Usaram da palavra Alberto Monteiro, Francisco Viana, pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa; Sebastião Eugénio, Nogueira de Brito, Carlos Antunes e Josué Gabriel. Tambem usou da palavra o camarada José Esteves, um dos deportados do Brasil, que descreveu as perseguições que a burguezia daquele país, vem fazendo ao movimento operário.

Salvador Cruz, um joven operário, contando apenas 12 anos, proferiu o seguinte discurso, que a assemblea escutou com o maior interesse:

Sou um novo. O ambiente em que vivo, fez com que tão novo conhecesse o mal estar de que o meu lar é um exemplo. O convívio e a camaradagem de meu pai, criou-me uma fôrça, ainda para mim desconhecida, que me força a procurar a origem desse mau estar, a necessidade de dar expansão à ânsia de modificação, tendente a criar um ambiente mais largo para o meu desenvolvimento, obriga-me a saudar-vos como percursores da insofrida aspiração que sinto e não sei exteriorisar. Sinto-me bem junto de vós; creio esta casa um templo capaz de tornar realidades o que eu antevejo como longíquas aspirações. Não deixeis, pois, morrer êste baluarte, que eu começo a amar, convencido como estou que é dêle que há de provir o meu futuro.

Nos intervalos dos discursos foi a *Internacional* executada por um sexteto, tendo a assembleia erguido entusiasticas aclamações ao operariado organisado, à emancipação proletária e à Revolução Russa.

Secção da Construcção Civil de Palma e Arredores

Comemorou ontem a inauguração da nova bandeira, com uma sessão solene e de protesto contra a carestia da vida, tendo usado da palavra os camaradas Francisco Marques, pela comissão inter-sindical da Federação da Construção Civil; José Caetano, pelos Canteiros e Polidores de Mármore; Agostinho da Silva, pela Federação dos Transportes; Marcelino da Silva, pela Federação Nacional de Construção Civil.

A nova bandeira foi arvorada pelo delegado dêste último organismo e pelo delegado da União das Juventudes Sindicalistas de Portugal.

No final da sessão tirou-se uma quête a favor de um camarada que perdeu os seus haveres num incêndio duns barracões na Avenida do Parque, ao Campo Grande, rendendo 1$41. Tambem no final da sessão, apareceram na sala dois esbirros, à procura do delegado da União das Juventudes Sindicalistas de Portugal, por êsse camarada ter dito que a carestia da vida só terminará quando os trabalhadores fizerem a Revolução Social, que tambem terminará com todos os males de que enferma a Humanidade.

Como o tentassem prender, a assembleia manifestou-se energicamente, pelo que os policias tiveram de desistir do seu nefando intento.

Estivadores e Fragateiros do Porto de Lisboa

Estas duas associações comemoraram ontem conjuntamente os seus aniversários, tendo decorrido os festejos o melhor possivel. As salas do sindicato dos Fragateiros encontravam-se repletas de maritimos, saíndo todos bem impressionados com a ideia de juntar as duas classes na saudação aos seus sindicatos, tendo reinado sempre a maior fraternidade e concordia. Na sessão solene, usaram da palavra os seguintes camaradas:

Manuel Carvalhal, pela Associação dos Fragateiros do Porto de Lisboa; José de Almeida, pela Associação de Classe dos Catraleiros do Porto de Lisboa; José Augusto de Castilho, pelos Conferentes Maritimos de Lisboa; Alfredo Oliveira Mendes, pela Associação dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante; Francisco Cristo pela *Batalha*; José Nunes André, pelos Descarregadores de Mar e Terra do Barreiro; José Luis Pereira, pelos Medidores de Cereais da Praça Comercial de Lisboa; Manuel Abrantes, como fragateiro e pessoalmente; Nogueira Feio, pelo Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa; Manuel de Almeida, pelos Descarregadores de Mar e Terra do Porto de Lisboa; Manuel Custodio Midões, pelos Descarregadores do Porto de Lisboa; João Ferreira, como presidente da Mêsa.

As duas Associações ofereceram uma à outra, como prova de solidariedade, duas fitas com dedicatórias, para serem juntas aos estandartes.

TEATRO SÃO LUIZ
Hoje Definitivamente últimas representação, com novos numeros da 1.ª fase da revista
O PÉ DE MEIA

Quedas desastrosas

Pelos autos da Cruz Vermelha foram conduzidos ao hospital de S. José, Julio de Sousa Maia, filho de Sebastião Maia e de Porfiria Maia, de 6 anos, residente no Beco da Cardosa, 12, 3.º, que caiu da janela do 1.º andar do prédio n.º 10, da mesma rua, ficando muito contuso pelo corpo. Depois de pensado no Banco, recolheu à enfermaria 11 (Santa Joana) e José da Costa Junior de 42 anos, maritimo, residente em Cacilhas que caiu a bordo de uma fragata ali fundeada, ficando contuso nas costas.

COLUNA ESPERANTISTA

Fratiga Eklosocieta.—Acha-se aberta na sua séde, rua Paulo da Gama, 6-1.º, a inscrição para segundo curso de esperanto, encontrando-se patentes na sua séde as folhas de inscrição, todos os dias uteis das 20 às 22 horas.

Lisbona Verda Stelo.—Reúne amanhã a comissão executiva. Reina entre os esperantistas desta sociedade grande entusiasmo pela comemoração do segundo aniversário, para a qual vão ser convidadas todas as colectividades esperantistas e operárias. Previnem-se os interessados de que a séde continúa a ser na travessa da Agua Flor, 35.

Consequências duma desordem

Na enfermaria 4 (Santo António), faleceu José Zeferino Pinto, de 47 anos, morador nas Costas do Cão, freguezia do Monte da Caparica, aquele carreiro que foi agredido no Porto Brandão por uns individuos com quem se envolveu em desordem, ficando com o craneo fracturado.

OS FERROVIARIOS DA C. P.

Não se realizou ontem a anunciada assembleia

No Sindicato Ferroviário compareceram ontem os representantes das delegações do Entroncamento, Gaia, Alfarelos e Pampilhosa bem como grande numero de ferroviarios para tomarem parte na assembleia a que anteontem fizemos referencia. Por quaisquer motivos imprevistos, porém, a assembleia não chegou a realizar-se, ficando adiada para a proxima quinta feira, com a mesma ordem dos trabalhos.

Academias, Universidades e Escolas

Universidade de Lisboa.—Inaugurou ontem o ano lectivo a Universidade de Lisboa. Presidiu à sessão solemne o presidente da Republica, que dava à direita ao presidente do ministério e reitor da Universidade, sr. Pedro José da Cunha, e à esquerda ao ministro da instrução e director da Faculdade de Letras, sr. dr. Queiroz Veloso.

O sr. dr. Pedro José da Cunha, em nome do presidente da República, abriu a sessão, agradecendo a sua comparencia aquele acto dignificador da sciencia e da instrução depois do que deu a palavra ao sr. dr. Pimenta, da Escola Superior de Farmácia, que leu a oração de *sapientia*, sendo no final muito aplaudido.

Os que roubam fora da lei

Queixaram-se à policia José Barbosa Rosado Júnior, Estrada das Amoreiras, 1, de que lhe furtaram a carteira com 70$00; Belchior Moreira, rua do Olival, 166, r/c., de que lhe furtaram um saco com roupas no valor de 40$00; Albino João da Costa, rua de S. Caetano, 32, r/c., de que na rua de 24 de Julho, furtaram da carroça de que era conductor, uma saca de farinha, no valor de 55$00 e pertencente à Nova Companhia Nacional de Moagem; e Guilhermina da Silva, rua Passos Manuel, 104, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência, uma máquina de costura, no valor de 45$00.

—Na estação do Rossio foi hontem preso um indivíduo por furtar, na mesma estação, uma mala com vários objectos no valor de 300$00, pertencente a José da Silva, travessa do Poço dos Negros, 11.

A pesca no Norte

Determinações das autoridades maritimas

Foi determinado que na jurisdição da capitania do porto de Aveiro, as artes de pesca sejam lançadas durante todo o ano na zona das costas maritimas de Espinho, Paranhos, Esmoriz e Mira; nos mezes de março a dezembro na costa da Torreira, e, durante os mezes de abril a novembro nas costas de S. Jacinto, Costa Nova e Vagueira podendo tambem lançar no resto do ano se o tempo permitir e houver pescaria. A distancia mínima da costa a que se faz o lanço é de cerca de 3 milhas. Na jurisdição da capitania do porto da Figueira da Foz, as epocas do lançamento das artes serão nos mezes de janeiro e de maio a dezembro, sendo os lançamentos feitos com frequência entre 3.300 e 4.200 metros da costa, podendo mesmo atingir a distancia de 5.000 metros.

Desmentindo

Veiu à nossa redacção José Joaquim de Campos, protestar contra uma noticia inserta no nosso numero de ontem na secção *As 8 horas de trabalho*, com o subtitulo *Gesto de solidariedade*.

Diz que na parte referente ao seu nome se trata dum assunto completamente falso, em virtude de nunca ter sido incumbido, nem a isso se prestar por quanto tem sido um militante incansável da classe operária, a contratar operarios para qualquer fabrica.

A única conversa que teve com o industrial Eduardo da Silva Borges, foi mais ou menos sobre o seguinte tema: Aquele industrial muito antes da questão das 8 horas de trabalho, pediu-lhe para, aos domingos e à noite, se encarregar de um serviço na sua oficina, o que não aceitou, tendo indicado um camarada seu para aquele fim. Depois disto não voltou a falar com o referido industrial em assuntos que tocassem no movimento.

José Joaquim de Campos toma a responsabilidade do que acima publicamos.

VIDA ANARQUISTA

Centro Comunista do Porto.—Convidam-se todos os socios a comparecer na assemblea geral, no dia 6 de Novembro, pelas 20 horas, para tratar de assuntos que se prendem com as instalações das salas e aquisição de objectos indispensáveis ao seu funcionamento.

O que sucedeu ao vapor "Congo"?

Assinado pela «tripulação» a Agência Havas recebeu o seguinte telegrama, que se publica com todas as reservas:

LONDRES, 30, às 12,10. — Vapor «Congo» arrestado. Providências.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reúniu ante-hontem em grande numero o pessoal da Companhia dos Telefones, com larga representação do elemento feminino, afim de tratar conjuntamente com os corpos gerentes do Sindicato da elaboração de uma representação que será entregue à Companhia em nome do seu pessoal reclamando melhoria de condições económicas perante a crescente e intolerável carestia da vida. Ficou constituida uma nova comissão com representantes de todas as secções de serviço que hoje reúne na séde do Sindicato às 20 e meia horas para dar começo aos seus trabalhos, comprometendo-se a nova Comissão a não ter a tibieza que teve a primeira por sugestão da Companhia.

Nas duas reuniões de 5.ª e 6.ª feiras, o Conselho Técnico e de Melhoramentos assistido por todos os membros das especialidades que nêle teem representação tratou dos seguintes assuntos pela ordem seguinte: Na reunião de 5.ª feira: apreciando a circular da C. G. T. respeitante à nova fórma de delegacias ao Conselho Confederal; cotisação e mais condições da nova organisação conforme o estatuido no Congresso de Coimbra, resolveu que tão magno quanto interessante assunto fôsse dado para ordem do dia para a próxima reunião de 5.ª feira 6 do corrente: Resolveu tambem sobre o vário expediente enviado ao Sindicato segundo as suas atribuições e apreciou dando-lhe sanção em principio a várias reclamações de especialidades, sôbre melhoria de situação económica, resolvendo dar todo o apoio à classe dos Soldadores e Trabalhadores de Fábricas de Conservas para conseguirem que as suas reclamações que vão ser enviadas aos industriais, sejam satisfeitas.

Resolveu mais que o conselho, na proxima reunião, se divida em subcomissões que tomarão o encargo de activar trabalhos no sentido de, ao mesmo tempo que tomar a defeza dos interesses dos metalurgicos, fazer o estudo das circunstancias em que se encontra a industria, quer sob o ponto de vista do desenvolvimento tecnico, como tambem do valor da producão, quer na quantidade como nos lucros que ela dá ou possa dar, apresentando nesse inquerito não só todas as condições de trabalho como regime do mesmo, salarios, etc., isto é: uma completa estatistica das condições em que se encontra a industria metalurgica de Lisboa. Mais resolveu que o assunto respeitante às obras a realizar na sede, fosse tratado na proxima reunião. Pelo camarada Alberto Tavares, e atenta a necessaria urgencia, foi proposto que a reunião continuasse no dia seguinte, a fim de se pronunciar o conselho e toda a classe sôbre o caminho a seguir em face do pretendido lock-oute patronal, como protesto e resistência ao cumprimento da lei das 8 horas.

Mais ficou resolvido, que as classes tendo votado já ha muito tempo, a abolição das empreitadas, o salário minimo, e por último, a recusa das horas suplementares que os delegados habilitasse o Conselho, a fim de que se alcance a satisfação completa do programa do Sindicato e sobre horas suplementares, que só seja aceite tal regime de trabalho, quando no bolsim de trabalho do sindicato, não hajam operários inscritos que precizem ser colocados, e ainda assim, que essas horas sejam pagas com a percentagem de 100 % sobre o salário normal.

Pelo mesmo delegado que no Conselho representa a especialidade dos serralheiros, foi tambem proposto, aprovando o Conselho, que fossem convidados todos os metalurgicos de todas as oficinas, a nomearem delegados à reunião do dia seguinte, para definir a atitude da classe, na hipotese de uma tal resolução por parte dos industriais. Na reunião de sexta-feira e com a comparencia de grande numero de delegados do Conselho e representantes do pessoal de grande numero de oficinas; foi pelo secretario geral, exposto o fim da reunião, para o que em breves palavras alvitrou o que a classe deveria fazer nesta ocasião em que os industriais e governantes estão especulando com a sua situação, orientando-se a numerosa assembleia pela sua exposição fazendo grande numero de delegados uso da palavra para afirmarem que a classe metalurgica, está disposta a fazer todos os sacrificios em prol do regime das 8 horas, e para o qual não será preciso decreto, pois que tal regalia já tinha sido por ela conquistada, na sua maioria.

Sobre a calumnia que se fez echo certa imprensa, de uma pretensa conjura ou movimento revolucionário da parte das classes operárias organizadas, o Conselho protestou contra taes insidias e considerando infame tal procedimento afirma que as classes Metalúrgicas no seu bom senso; só pretendem que os governantes olhem com mais atenção para a miseravel situação em que se encontram, derivado à grande benevolencia e proteção, que tem vindo dado aos açambarcadores e exploradores da alta finança, comércio e industrialismo.

Serradores da Construção Civil e Naval.—A assemblea geral realisada ontem resolveu dar a demissão ao delegado à União dos Sindicatos Operários, ao camaradas Joaquim Gomes e Ventura Silverio, por êles pedidas, nomeando para os ditos cargos Manuel Rodrigues Ascenso e António Gomes Vitorino. Nomeou o presidente de direcção, recaindo esse cargo no camarada Manuel Letra.

Protestou com veemência contra uma local de um jornal que diz existir uma lista de associações que se preparavam para um movimento revolucionário e que nessa lista figurava esta classe.

Corticeiros.—Nomeou uma comissão para tratar do aumento de salário, em obediencia ao que determina uma moção aprovada na ultima assembleia da classe.

Cerâmicos e Artes Correlativas.—Este sindicato oficiou a diversas associações, convidando-as a fazerem-se representar no aniversário e inauguração da bandeira que se realisa no domingo, 9 de Novembro.

Construção Civil — A comissão de melhoramentos desta industria, procurou ontem o sr. Craveiro Lopes afim de tratar da reclamação dos 15 % de aumento dos salarios dos serventes, que trabalham na obra do Bairro Social na Ajuda. Hoje tratar-se-há dêste assunto no Ministério do Comércio onde aquele senhor deve comparecer para que o assunto fique solucionado.

Fogueiros de Mar e Terra.—Marcaram nova assembleia para amanhã, às 19 horas, a fim de tratarem assuntos urgentes.

Alfaiates. — Reúne hoje em assemblea geral, para nomeação da nova comissão administrativa; e apreciação do relatório do delegado ao Congresso de Coimbra.

Manufactores de Calçado.—Para assuntos urgentes é convocada para hoje, pelas 21 horas, a assemblea geral desta classe.

Marinheiros e Moços de Marinha Mercante.—Reúne hoje, pelas 19 horas, em assemblea geral, a fim de ultimarem os trabalhos referentes aos aumentos de salários.

CONVOCAÇÕES

U. S. O. de Lisboa.—Reúne hoje pelas 21 horas, a assembleia de delegados desta União, para leitura dos relatorios da gerência e contas, deste organismo e bem assim a nomeação da nova comissão administrativa.

Federação Nacional da Construção Civil. — Hoje, segunda-feira, pelas 19 horas, reúne novamente o Conselho e todos os delegados das associações e Secções a fim de continuar a discussão do estatuto. Uma comissão desta Federação deve começar esta semana a tratar de dar andamento a vários processos, que dizem respeito a operários desta industria presos à mêses.

Comissão Escolar.—Reúne hoje, pelas 20 horas.

—Para que a Comissão de Melhoramentos dê conta dos seus trabalhos, reúnem hoje, pelas 17 horas, na Secção de Belem, **os operários da obra dos Bairros Sociais da Ajuda. Igualmente** na séde da Federação, pelas 22 horas, reúnem todos os delegados que fazem parte de Comissões de Melhoramentos desta indústria.

ULTIMAS NOTICIAS.

A agitação social nos Estados Unidos

Os mineiros, em número de 400.000, vão para a greve

WASHINGTON, 31.—O conselho executivo da União dos Mineiros, reúnido em Indianopolis, decidiu os termos da resposta a dirigir ao govêrno, recusando revogar a ordem da greve, que julga inevitável.

Salvo resolução imprevista, 400.000 mineiros cessarão o trabalho no sábado. O govêrno tomou enérgicas medidas, decidindo o restabelecimento da administração dos combustiveis, e considerando a greve como uma conspiração contra o govêrno.

Rádio.

A greve já começou, sendo os grevistas em número de 350.000—¿Os ferroviários também se declararão em greve?

WASINGTON, 2.—A greve dos mineiros começou ontem. A União dos Mineiros calcula em aproximadamente 350.000 o número de grevistas. Não se produziu qualquer desordem, estando as tropas federais prontas para intervir em qualquer momento.

Uma proposta apresentada na camara dos representantes pede para se autorisar o presidente a requisitar as minas até ao fim da greve dos mineiros. O sr. Gompers acha que a intervenção governamental poderia apenas agravar a situação.

Supõe-se que a crise se não limita apenas aos mineiros, correndo o boato de que os ferroviários teriam a intenção de fazer uma greve de protesto contra a atitude do govêrno a respeito dos mineiros.—*Rádio.*

O Afganistan e o bolxevismo

LONDRES, 1.—O chefe da missão encarregada de concluir a paz com o Afganistan assegura que ainda que vencidos, os afgans não estão arrependidos.

A ultima guerra despertou certas espécies de aspirações que desejam satisfazer. Embora a amizade da Inglaterra seja essencial para o Afganistan, não o é tanto como a amizade do Afganistan para a Inglaterra.

O Afganistan é a unica barreira entre o bolchevismo e a India.—*Rádio.*

Contra a tirania inglesa

O povo egipcio reclama a independencia

CAIRO, 1.—Continuam as manifestações populares nas ruas do Cairo, tendo havido tambem, em Alexandria, grandes manifestações. A multidão soltava gritos e morras à comissão de Milner, pedindo a independencia.

A policia e as tropas tiveram de intervir para dissolver as manifestações, resultando vários feridos.—*Rádio.*

O bloqueio do Báltico

PARIS, 31. — Numa nota enviada ao Conselho Supremo pelo govêrno alemão, pede que todos os navios alemães que no momento da sua captura no Baltico ignoravam a noticia do bloqueio, sejam entregues aos seus proprietários.—*Rádio.*

Na Hungria

Procura-se formar um govêrno de concentração partidária

BUDAPESTE, 31.—Glerk, em conformidade com a sua missão de trazer a estabilidade à politica interna húngara, conferenciou com Andrassy, Huguedus, Karoly, Vascony, Ponovio, antigo director do Banco, e com o barão Wlassicsm, presidente da Camara dos Magnates.

Glerk tenta formar um gabinete de concentração, sem Friederitch, em conseqüência da recusa categorica dos socialistas. Encarregou Hegedus e Sorenyl, ex-ministro do comercio, de redigirem um relatorio para a Conferencia da Paz. Os politicos consideram provavel que o novo Gabinete de coligação agrupe os partidos cristão, social, socialista, pequenos proprietários e rurais, ficando de fóra os grupos liberais.—*Rádio.*

Grande incendio

A' hora de fecharmos o nosso jornal, o palacio do industrial sr. Alfredo da Silva, ao alto de Santa Catarina, está sendo pasto das chamas

A GUERRA VERMELHA

Yudenich é forçado pelos bolxevistas a evacuar Pavlovsk e Krasnoiaselo

HELSINGFORS, 31.—Um comunicado estoniano, recebido de Reval, diz que, na direção de Peterhof, as tropas estonianas repeliram violentos ataques contra Gatchina, Dajatlitsa, a 25 quilometros a sudoeste de Krasnoia-Gorka, e tomaram a aldeia de Novajavitina, fazendo 100 prisioneiros e tomando várias metralhadoras e munições. Em consequência dos violentos ataques bolxevistas, as tropas de Yudenitch tiveram de abandonar Pavlovsk e Krasnoiaselo, formando atualmente um semi-circulo de 15 a 20 quilometros em torno de Gatchina.

Na direção de Pskow, os estonianos tomaram varias metralhadoras e fizeram 125 prisioneiros. A situação de Riga não mudou. — RADIO.

Yudenich, apesar de batido, apregoa nos seus comunicados estrondosas "vitórias"

REVAL, 2 (T. S. F.) — Segundo um comunicado do grande quartel-general do general Yudenitch, a contra-ofensiva bolxevista, iniciada a oeste de Krasnoiaselo, pode considerar-se completamente liquidada. O exercito de Yudenitch retomou a ofensiva, capturando 2000 prisioneiros e tomando 16 metralhadoras e um grande despojo. O avanço, depois de ter quebrado a contra-ofensiva bolxevista, continua, apesar da actividade de muitos comboios blindados bolxevistas.

Na ala direita, ao sul de Tsarshoio e de Pavlovst, a situação não mudou.

Sabe-se, de autorisada origem, que o numero total dos prisioneiros feitos pelo exercito de noroeste desde o inicio da ofensiva de 17 de Outubro ultrapassa 30.000 homens. — *Radio.*

ELECTRICISTAS

Precisa-se dois bons montadores, ordenado mensal, percentagem, paga-se quando doentes e com contracto anual.

Pereira Pimentel, L.ª, R. do Ouro 200

TEATROS & CINEMAS

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 20,45—"A Flor de Sedas".
SÃO LUIS—A's 21,30—"O Pé de Meia".
TRINDADE.—A's 21,30.—"A Exilada".
GINASIO—A's 21,30—A representação da peça "O Libertino".
AVENIDA — A's 21—"Paz Armada", revista.
EDEN—A's 20 — Representação do quadro "Bancos e Companhias" ampliando a revista "Aqui d'El-Rei".
A's 22 horas, "A Princesa dos Dollars", opereta.
COLISEU DOS RECREIOS — Companhia de circo.
SALÃO FOZ—A's 20,30.—Conchita Ulia—Tom Kalwó—Les Jercolis—Perla Negra.
OLIMPIA—Animatógrafo e concêrto.
CINEMA CONDES—Animatógrafo e concêrto.
CHIADO TERRASSE — Animatógrafo e concêrto.
SALÃO DA TRINDADE — Variedades e animatógrafo.
SALÃO IDEAL—Animatógrafo.—A's 20,30
CHANTECLER—Animatógrafo, fitas faladas.
TEATRO RECREIOS DA GRAÇA.—Aos domingos, segundas e quintas feiras—A's 21,45—O drama em 4 actos "A Tosca".
SALÃO DOS ANJOS—A's quintas feiras, sábados e domingos, animatógrafo.
SALÃO PORTUGAL — A's 20 horas — animatografo.